



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

COMPORTAMENTOS SEXUAIS DE RISCO PARA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ADOLESCENTES

Soraia Santos de Almeida^{1,*}, Beatriz Silva Carvalho¹, Joana França Brito¹, Orlanda Barreiras¹,
Tiago Sousa de Queiroz¹ and Lorena D'Oliveira Gusmão²

¹Graduando (a) em Enfermagem pela Faculdade Independente do Nordeste, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

²Mestre em Biociências. Docente da Faculdade Independente do Nordeste, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 16th September, 2019

Received in revised form

20th October, 2019

Accepted 28th November, 2019

Published online 31th December, 2019

Key Words:

Saúde sexual,
Adolescente,
Risco. IST

*Corresponding author:
Soraia Santos de Almeida

ABSTRACT

Introdução: As IST's são agravos de ampla importância para a saúde pública com maior procura por atendimentos nos serviços de saúde para tratar decorrentes sequelas das IST's em ambos os sexos. O reconhecimento dos dados epidemiológicos é pertinente para que possa ser desenvolvidas medidas de controle e interrupção da cadeia de transmissão de forma positiva. **Objetivo geral:** Verificar os Comportamentos Sexuais de risco para Infecções Sexualmente Transmissíveis em Adolescentes. **Objetivos específicos:** Traçar o perfil sócio demográfico dos Adolescentes e Identificar as principais fontes de obter informações acerca do tema por parte dos adolescentes. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de campo, transversal, prospectivo, descritivo, exploratório com abordagem quantitativa, em que participarão 30 adolescentes, com idade entre 13 a 16 anos conforme a coleta amostral, residentes no município de Vitória da Conquista. **Resultados:** No que se refere à idade da primeira relação sexual. Observou-se que 74,1% não relataram ou não quis opinar, 14,8% sucedeu-se com 14 anos a, 7,4% relataram outra idade e 3,7% ocorreu com 16 anos. No que se desrespeita alguma prática sexual sem proteção 77,8% não usou preservativo e 22,2% afirmam o uso da proteção para práticas sexuais. Sobre sexualidade no convívio familiar 55,6% afirmam não falar do assunto com os pais enquanto 44,4% falam sobre sexualidade com os pais. No âmbito escolar 44,4% afirma que na escola não aborda sobre sexualidade enquanto 55,6% afirmam que sim. Em relação a dúvidas sobre sexualidade, observou-se que a maioria procura informação na internet com 66,7%, 18,5% outros meios e 14,8% com amigos. Em se tratar de violência sexual 92,6% afirmam não ter sofrido nenhum tipo de violência sexual enquanto 7,4% afirmam que já sofreu algum tipo de violência sexual. Sobre o uso do preservativo na primeira relação sexual 88,9% afirmam que não usou e 11,1% afirmam que praticou sexo com proteção. Com referência nas alterações nos órgãos genitais 92,6% afirma que nunca apresentou nenhum tipo de alteração e 7,4% relatam que já apresentou. Quanto ao conhecimento sobre o significado das doenças sexualmente transmissíveis 81,5% dos alunos afirmam que tem conhecimento enquanto 18,5% desconhecem o significado. Das consequências de se contrair uma doença sexualmente transmissível 84,6% afirma que sabem das consequências por outro lado 15,4% não têm este conhecimento. Sobre a melhor forma de prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis 100% afirmaram que é com o uso do preservativo.

Copyright © 2019, Soraia Santos de Almeida et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Soraia Santos de Almeida, Beatriz Silva Carvalho, Joana França Brito, Orlanda Barreiras, Tiago Sousa de Queiroz and Lorena D'Oliveira Gusmão, 2019. "Comportamentos sexuais de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes", *International Journal of Development Research*, 09, (12), 32542-32545.

INTRODUCTION

Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) são infecções contagiosas, transmitidas através da relação sexual sem proteção, que podem ser classificadas em bacterianas, virais e fúngicas. Quando não tratadas adequadamente, estas poderão resultar em complicações e agravos à saúde.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), as IST's estão entre os problemas de saúde pública mais frequentes em todo mundo (TEIXEIRA *et al.*, 2018). Assim, as IST's são agravos de ampla importância para a saúde pública. Estima-se que a maioria dos usuários procura por atendimentos nos serviços de saúde para tratar sequelas decorrentes das IST's em ambos os sexos.

O reconhecimento dos dados epidemiológicos é pertinente para que possa ser desenvolvidas medidas de controle e interrupção da cadeia de transmissão de forma positiva (NERY *et al.*, 2015). Nos Estados Unidos da América (EUA), aproximadamente 25% das IST's são diagnosticadas em pacientes com menos de 25 anos. Porém no Brasil as informações sobre a prevalência das IST's nessa população são insuficientes por não haver obrigatoriedade de notificação compulsória de todas as IST's (NERY *et al.*, 2015). Uma pesquisa realizada em uma escola pública do município de Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil, demonstrou que os adolescentes, no geral, possuem um conhecimento adequado sobre métodos de prevenção de IST e contracepção, entretanto, alguns ainda mostram conhecimento equivocado, muitas das vezes disseminado pela mídia e que evidencia que o jovem tem a necessidade de mais informações sobre esta temática (CRUZ *et al.*, 2018). Por outro lado, no município de Vitória da Conquista, situado na região sudoeste da Bahia, Brasil, que tem uma população de 306.806 habitantes, dos quais 11,7% residem em uma extensa área rural, realizou uma pesquisa para avaliar a situação de exposição e a vulnerabilidade relacionadas à saúde sexual dos adolescentes rurais. Os resultados apontaram que o comportamento sexual dos adolescentes da zona rural é semelhante aos da zona urbana, e que fatores individuais, familiares e comportamentais desfavoráveis estão associados à vivência da sexualidade entre os adolescentes de uma forma geral (SOUSA *et al.*, 2018). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº8.069, de 13 de julho de 1990, no artigo 2º, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescente aqueles com faixa etária de 12 à 18 e anos de idade, em casos explícitos aplica o Estatuto na faixa etária entre 18 e 21 anos de idade (BRASIL, 1990). Por outro lado, o Ministério da Saúde (MS) define a adolescência como o período entre 10 e 19 anos e caracteriza a fase como um período de transição entre a infância e a vida adulta (AMARAL *et al.*, 2017). Neste estudo seguiu-se a definição de adolescência adotada pelo MS.

As necessidades de saúde reprodutiva e sexual dos adolescentes diferem das dos adultos. As meninas adolescentes são frequentemente atraídas ou enganadas pelo sexo ou pelo casamento, colocando-as em risco de gravidez indesejada, abortos inseguros, IST's, incluindo o HIV, e um parto perigoso. A maioria dos jovens possui informações imprecisas ou incorretas sobre o uso de contraceptivos ou a prevenção de gravidez e DSTs, e os serviços de saúde reprodutiva voltados para os jovens estão longe do alcance dos adolescentes, pois são direcionados a pessoas casadas (AHUJA *et al.*, 2019). Diante do exposto, este estudo apresentou como objetivo geral: Verificar os comportamentos sexuais de risco para Infecções Sexualmente Transmissíveis em Adolescentes, e como objetivos específicos: Traçar o perfil sócio demográfico dos Adolescentes e Identificar as principais fontes de informações acerca do tema por parte dos adolescentes.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo, transversal, prospectivo, descritivo, exploratório e com abordagem quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida em uma Instituição de Ensino Fundamental 2, situada no município de Vitória da Conquista, localizado na região Sudoeste do Estado da Bahia, Brasil. Foram considerados participantes desta pesquisa 27 adolescentes, na faixa etária de 14 a 16 anos, que cursavam o 9º ano do Ensino Fundamental 2 na unidade caso de escolha.

Todos os adolescentes que se enquadravam nos critérios de exclusão foram inseridos no estudo. A escolha dos participantes obedeceu aos seguintes critérios de inclusão: adolescente matriculado na escola, que frequenta regularmente as atividades escolares, e que aceitarem participar voluntariamente da pesquisa, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento dos responsáveis em caso de participantes menores de dezoito anos. Como critérios de exclusão, foram considerados: alunos que não eram assíduos, que estiveram afastados por atestado médico, licença maternidade, menores de 10 e maiores de 20 anos e que não estavam em condições físicas e/ou de psíquicas para participar do estudo. A aproximação com os participantes foi feita após contato prévio com a Coordenação da Instituição de Ensino do Município de Vitória da Conquista /BA para esclarecimentos, autorização e agendamento/ organização da coleta dos dados. Posteriormente, foi agendada uma reunião com os responsáveis pelos adolescentes que comporiam a amostra para elucidação acerca do estudo e solicitação de Assentimento para o estudo, no caso dos menores de 18 anos.

Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um formulário eletrônico estruturado, elaborado pelo próprio autor do estudo para este fim e compostos de questões específicas pertinentes aos objetivos propostos. A aplicação do instrumento de coleta de dados foi na instituição escolar, em um espaço que garantisse a privacidade dos participantes e sigilo das informações, sendo condicionada à sua autorização, através da assinatura do TCLE ou do Termo de Assentimento, como supracitado. Os dados obtidos por meio dos formulários foram exportados para o Software Microsoft Office Excel 2016, seguindo-se de uma análise descritiva através da distribuição das frequências simples das variáveis do estudo. A coleta de dados foi realizada mediante a autorização da Secretaria Municipal de Educação (SME), seguida da submissão e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), sob parecer Nº CAAE 19545419.8.0000.5578.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A transição da infância para a adolescência é marcada por vários fatores, uma delas é a etapa do crescimento e desenvolvimento, sendo que crescimento se refere à estatura, enquanto desenvolvimento se refere ao desenvolvimento cognitivo, intelectual e social (RITHIANNE *et al.*, 2015). Por outro lado, essa fase é caracterizada por descobertas, tomadas de decisões, amadurecimento, tensões e conflitos por auto-afirmação (CABRAL, SANTOS, OLIVEIRA, 2015). Além disso, as descobertas da sexualidade são cada vez mais precoces, levando os jovens a assumir comportamentos para os quais não estão preparados, isso aumenta a vulnerabilidade às IST's e o risco de uma gravidez indesejada (RITHIANNE *et al.*, 2015). Por isso as práticas sexuais passam a ocupar espaço de destaque em sua vida (CABRAL, SANTOS, OLIVEIRA, 2015). O conhecimento sobre a prevenção das IST's e as ações educativas podem cumprir um papel importante nesta fase da adolescência, uma vez que trazem informações e experiências acerca da promoção da educação sexual, e quando realizados por educadores empáticos com formação específica no tema, podem aumentar os conhecimentos sobre sexualidade, além de promover práticas de sexo seguro entre os adolescentes, estimulação a adoção, dentre outras práticas seguras, do uso do preservativo como método de primeira escolha e de maior

eficiência na dupla proteção (IST's e gravidez não planejada) (Niviane *et al.*, 2017). Foram investigados neste estudo 27 adolescentes. Observou-se uma predominância de adolescentes do sexo feminino (63%) e com idade de 15 anos (66,7%). No que se tange a idade do primeiro intercurso sexual foi observado que 74.1% não relataram ou não quiseram opinar, 14,8% informaram ter sido aos 14 anos, 7,4% relataram outras idades, e segundo 3.7% da amostra foi aos 16 anos. Ou seja, 81,5% da amostra estudada não quis revelar a idade da primeira relação sexual. A média de idade da primeira relação sexual, há alguns anos atrás, era na faixa etária de 16 a 19 anos, mas atualmente ocorre a partir dos 14 anos. O Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP) afirma que jovens entre 15 e 24 anos são infectados pelo HIV e outras IST's. Isso se dá, principalmente pela erotização da mídia, que vem estimulando os jovens a terem uma vida sexual cada vez mais precocemente, contribuindo para o aumento das chances dos mesmos em contraírem o HIV e outras IST's. Uma vez que o início precoce das atividades sexuais pode determinar maior vulnerabilidade às IST's, o conhecimento sobre as mesmas deve ser compartilhado entre os adolescentes, por meio das escolas, bem como campanhas voltadas à prevenção destes agravos nesta população específica (NIVIANE *et al.*, 2017). Pesquisas realizadas pela Organização Mundial da Saúde sugerem que grande parte da atividade sexual que começa na adolescência é de alto risco, insegura e muitas vezes não consensual. A mistura de mitos / estigma, ocultação, falta de conhecimento, disparidade social e mensagens negativas da mídia confunde os jovens, resultando em baixa autoestima. Isso não apenas leva a optar por escolhas ignorantes, resultando em sexo desprotegido, gravidez não planejada e DSTs, incluindo HIV / AIDS (AHUJA *et al.*, 2019).

Quando a análise da prática sexual sem proteção, destaca-se que a maioria (77.8%) informou nunca ter praticado sexo sem proteção. O que destoa do dado obtido ao serem questionados acerca do uso de preservativo no primeiro intercurso sexual, no qual, 88,9% afirmaram não ter feito uso. Esses dados apontam uma informação errônea acerca destes dados. A alta prevalência de IST's em jovens tem sido atribuída a comportamentos de risco aumentados, intercurso sexual precoce nas últimas décadas, múltiplos parceiros sexuais, desconhecimento de métodos preventivos (ORLANDO *et al.*, 2019). De acordo com uma Pesquisa Nacional de Comportamento de Risco para Jovens realizada em 2017, 39,5% dos estudantes do ensino médio nos EUA relataram já ter tido relações sexuais. Embora os números tenham diminuído significativamente na última década, de 47,8% em 2007, infelizmente, aqueles que relataram usar preservativo durante o último contato sexual diminuíram significativamente de 61,5% em 2007 para 46,2% em 2017 (LANTOS *et al.*, 2019). Acresce que, sobre a melhor forma de prevenção contra as IST's, 100% afirmaram que é por meio do uso do preservativo. No que concerne as discussões entre pais e adolescentes acerca da saúde sexual e reprodutiva, identificou-se que 55,6% afirmaram nunca ter falado sobre essa temática com os pais. As discussões entre pais e adolescentes podem ser particularmente importantes, especialmente quando se trata de reduzir o envolvimento em comportamentos sexuais de risco. Os pesquisadores descobriram que quando adolescentes - principalmente meninas - conversam com seus pais sobre comportamentos sexuais, contracepção, IST's e prevenção de gravidez, eles têm maior probabilidade de se envolverem em comportamentos sexuais seguros, incluindo abstinência e

comportamentos de proteção que previnem a gravidez e as IST's. Adolescentes que têm altos níveis de comunicação com os pais têm maior probabilidade de adiar a primeira relação sexual, discutir gravidez e prevenção de IST com parceiros sexuais, usar contracepção e usar preservativo no início e no máximo. É importante ressaltar que os próprios adolescentes acreditam nessa associação (Lantos *et al.*, 2019). No âmbito escolar 55,6% dos estudados afirmam que a escola aborda sobre temas relacionados a saúde sexual. Acresce que a partir do 5º ano, a educação sexual deve ser sistematizada e assumir um espaço específico, considerando que, a partir dessa faixa etária, pe possível melhor compreensão acerca das questões associadas à sexualidade, tal qual, mais curiosidade e capacidade de diálogo. É de suma importância reconhecer que algumas práticas tem sido desenvolvidas e que há um esforço por parte de profissionais, em especial dos da área da saúde, em abordar esta temática no contexto escolar, mas ainda são muitas as barreiras que dificultam a consolidação destas práticas, as quais necessitam ser reconhecidas e superadas (Furlanetto *et al.*, 2018). Quando se refere violência sexual 7,4% afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência sexual. A violência sexual infanto-juvenil é um problema que atinge vários países. O abuso é exposto por um a cada oito jovens por todo o mundo. No Brasil, a violência sexual ocupa o segundo maior tipo de violência em indivíduos na faixa etária situada dos 10 aos 14 anos. Essa é uma forma de violência que necessita de estratégias por parte dos governos. Os adolescentes nesta situação de vulnerabilidade apresentam um elevado risco de desenvolverem diversas IST's, além de transtornos biopsicossociais, com repercussões sobre as esferas física, comportamental e cognitiva (Fontes, *et al.*, 2017).

Considerações Finais

Evidentemente, tendências preocupantes no bem-estar sexual de adolescentes são observadas globalmente com o aumento das taxas de prevalência de gravidez na adolescência e de IST's que impõe a implementação e a eficácia da educação sexual direcionada aos jovens. O conhecimento dos riscos é necessário, mesmo que insuficiente, para práticas sexuais seguras e saúde sexual e reprodutiva, pois ressalta a necessidade de encontrar intervenções de saúde pública para a prevenção primária de IST em jovens e adolescentes e ser capaz de mudar atitudes, promovendo comportamentos que limitem os riscos. A análise mostra que existem lacunas e inadequações na educação sexual no local em análise. Dada a importância da educação sexual, recomenda-se que sejam necessários mais esforços e ações. Particularmente, políticas e programas de educação sexual devem ser desenvolvidos. Além disso, existe uma necessidade urgente de equipar implementadores, como professores, bem como os pais, com as habilidades necessárias para melhorar a eficácia da educação sexual. Os implementadores devem levar em consideração as complexidades do desenvolvimento sexual durante a adolescência e incluir tópicos como gênero, diversidade, relacionamentos, empoderamento, em vez de apenas focar nos aspectos biológicos da reprodução. Em particular, destaca-se o fortalecimento da competência psicossocial nos jovens pode protegê-los de comportamentos sexuais de risco.

REFERÊNCIAS

- Ahuja, V.K., Patnaik, S., Gurchandandeep, *et al.* 2019. Perceptions and preferences regarding sex and contraception, amongst adolescents. *J Family Med Prim*

- Care., 2019,8(10):3350–3355. Published Oct 31. doi:10.4103/jfmpe.jfmpe_676_19
- Cabral, João Victor Batista, Santos, Siglyta Soares Ferreira dos, Oliveira, 2015. Conceição Maria de. Perfil sociodemográfico, epidemiológico e clínico dos casos de hiv/aids em adolescentes no estado de Pernambuco. Revista Uniara. Volume 18, nº 1, julho de. Disponível em: <http://www.revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/345>
- Campos, Helena Maria, Schall, Virgínia Torres, Nogueira, Maria José. 2013. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Saúde em Debate • Rio de Janeiro, v. 37, n. 97, p. 336-346, abr./jun. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n97/v37n97a15.pdf>
- Fontes, Luiz Felipe Campos, Conceição, Otavio Canozzi, MACHADO, 2017. Sthefano. Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. Ciência & Saúde Coletiva. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-2919.pdf>
- Lantos, H, Manlove, J, Wildsmith, E, Faccio, B, Guzman, L, Moore, KA. 2019. Parent-Teen Communication about Sexual and Reproductive Health: Cohort Differences by Race/ Ethnicity and Nativity. *Int J Environ Res Public Health*. 2019,16(5):833. Published Mar 7. doi:10.3390/ijerph16050833
- Niviane, MEINCKE, Sonia Maria Könzgen, CARRET, Maria Laura Vidal, CORRÊA, Ana Cândida Lopes, ALVES, 2017. Camila Neumaier. doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. Texto Contexto Enferm. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n2/pt_0104-0707-tce-26-02-e5100015.pdf
- Orlando, G., Campaniello, M., Iatosti, S., Gridale, PJ. 2019. Impact of training conferences on high-school students' knowledge of sexually transmitted infections (STIs). *J Prev Med Hyg*. 2019,60 (2):E76–E83. Published Jun 28. doi:10.15167/2421-4248/jpmh2019.60.2.1072
